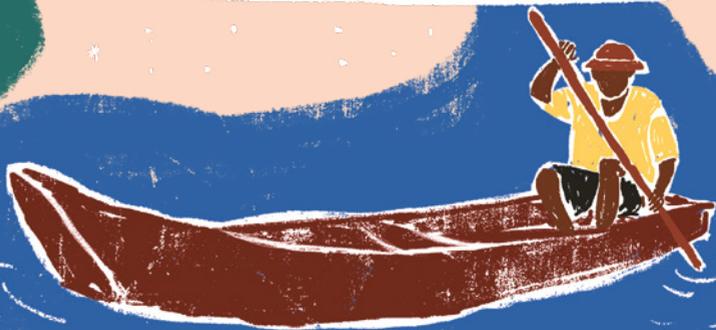




# TERRITÓRIOS FANTÁSTICOS

Um guia turístico narrado





# TERRITÓRIOS FANTÁSTICOS

Um guia turístico narrado



## **Capa, projeto gráfico e ilustrações**

Mila Barone

## **Coordenação, entrevistas e texto**

Eveline Xavier

## **Fotografias**

Realizadas pelos participantes das oficinas do projeto nas cidades de Araçuaí, Barão de Cocais, Catas Altas, Itinga, Pedra Azul, Rio Piracicaba, Rubim e Santa Bárbara

Fotoperformance: Eveline Xavier

## **Produção e pesquisa**

Vitória Lopes

## **Preparação de originais**

Emanuela São Pedro e Eveline Xavier

## **Educadores das oficinas**

Carambola Filmes: Mirlaine Coelho, Jane Rodrigues, Joseph Coelho (audiovisual em Araçuaí, Itinga, Pedra Azul e Rubim)

Renca Produções: Natalie Matos (rádio e podcast em Barão de Cocais, Catas Altas, Santa Bárbara e Rio Piracicaba), Gabriela Matos (audiovisual em Barão de Cocais, Catas Altas, Santa Bárbara e Rio Piracicaba), Denise dos Santos (fotografia em Barão de Cocais, Catas Altas, Santa Bárbara e Rio Piracicaba)

Lucas Silva (fotografia em Araçuaí e Rubim)

Larissa Medeiros (rádio e podcast em Araçuaí)

Leandro Nascimento (educador local de Pedra Azul)

William Nascimento (rádio e podcast em Itinga, Pedra Azul e Rubim)

Ítalo Medina (fotografia em Pedra Azul)

Christiane Cardoso Teixeira (educadora local de Itinga e de fotografia)

Júlio César Mendes Elias (educador local de Rio Piracicaba)

Anezia Lopes (educadora local de Rubim)

Sofia Martino (educadora local de Santa Bárbara)

Bruno Sérgio Souza Siqueira (educador local de Barão de Cocais e Catas Altas)



*O Zé Mateus aparece boiando não é direto não, sabe?  
Ele boia pra alimentar a história, como se disesse assim:  
“Não esquece de mim. Vai contando meu caso aí!”  
Uma pessoa que quiser ouvir o Zé Mateus boiar  
vai pra lá [na beira do rio Água Fria] umas seis horas da tarde,  
que foi mais ou menos essas horas.  
Aí o Zé Mateus percebe que você tá preparado pra ouvir o canto dele.  
É um boiado<sup>1</sup> triste...*

**(Mestre Ulisses contando a  
lenda do vaqueiro Zé Mateus)**



---

<sup>1</sup> Em certa altura das contações de Mestre Ulisses, você se dá conta que os sentidos da palavra boiar se confundem. Não se sabe até que ponto da narrativa ela tem o sentido de “flutuar” e a partir de que momento se transforma em “aboio”. Parece-me que, em se tratando da lenda do Zé Mateus, o contador vai sempre se aproveitar da ambiguidade pra manter o ouvinte preso em seu feitiço.

# SUMÁRIO

<b>Territórios fantásticos</b> .....	<b>12</b>
— <b>Araçuaí</b> .....	<b>14</b>
• Visitar a praça do passado para imaginar futuro - <b>15</b>	
• <i>Rincões das Descobertas</i>   O batismo do ouro - <b>19</b>	
— <b>Barão de Cocais</b> .....	<b>20</b>
• Partindo da Matriz de São João rumo ao Poção de Oxum - <b>21</b>	
• O cruzeiro que brilha nas noites de Barão - <b>23</b>	
• <i>Rincões das Descobertas</i>   Barão fervilhante - <b>24</b>	
• Gameleira, um segredinho para o verão - <b>25</b>	
— <b>Catas Altas</b> .....	<b>26</b>
• Cafezinho com bolo no Sítio Córrego Barbosa - <b>27</b>	
• <i>Rincões das Descobertas</i>   Visita à casa do Zé do Leite e da Nazinha - <b>29</b>	
• A 40 minutos do Centro, Cachoeira da Santa - <b>30</b>	
— <b>Itinga</b> .....	<b>32</b>
• Uma imersão nos cheiros e sabores do Antigo Mercado - <b>33</b>	
• Entre Araçuaí e Itinga, conheça o Taquaral - <b>35</b>	
• <i>Rincões das Descobertas</i>   A descoberta da história - <b>36</b>	

▪ <b>Pedra Azul</b> .....	<b>38</b>
▪ O Pantanal Pedrazulense - 39	
▪ <i>Rincões das Descobertas</i>   Maria e os bois descem a ladeira em janeiro - 40	
▪ <b>Rio Piracicaba</b> .....	<b>44</b>
▪ Rio Piracicaba em maio - 45	
▪ Da Bahia, veio fazer a história no Jorge - 46	
▪ <i>Rincões das Descobertas</i>   Dê um rolê no Quilombo Caxambu e conheça o Buré - 48	
▪ <b>Rubim</b> .....	<b>50</b>
▪ Fazenda Encantada e Roça das Histórias - 51	
▪ <i>Rincões das Descobertas</i>   Da Baixinha, veja a Serra da Cangalha - 54	
▪ <b>Santa Bárbara</b> .....	<b>56</b>
▪ Destino muito frequentado, conheça a Rua do Cemitério - 57	
▪ <i>Rincões das Descobertas</i>   Zé Pereira, bonecas de palha e um antigo cinema - 60	
▪ <b>Roteiros de passeios lendários</b> .....	<b>62</b>
▪ A Traíra Fantástica - 63	
▪ Águas [supostamente] medicinais no Córrego Remédio - 66	
▪ Quaresma, a melhor época para ver o Bicho da Carneira - 67	
▪ Enchente e dois pés de fruta - 69	
▪ Onde se deu o começo de tudo - 70	
▪ <b>Que cara tem esse lugar</b> .....	<b>72</b>

***Mestre Ulisses, eu já botei para gravar aí, porque tudo que o senhor fala sai bonito demais. Me conta, como é que é isso de ser um patrimônio vivo de um lugar? Como é que isso é possível?***

Não sei bem explicar isso, menina. A gente começa a ser sem saber que é isso. A gente é uma coisa sem projetar aquilo. É como se a gente nascesse o raro. Eu comecei a trabalhar com arte herdando um pouquinho, ao mesmo tempo, eu acho que eu já vim preparado para isso, para o mundo. Meus avós, meus pais, meus tios era um pessoal que veio de arteção, fazia peça de madeira e de panela, pote, peças utilitárias.

Era uma família grande, quase todo mundo sabia fazer isso. Já morreram uma parte. Eu brincava vendo fazer as pecinhas, as panelinhas, potinhos, fazer o forninho. Era uma brincadeira de menino. Depois eu fui ver que realmente era um preparo de um artista. É como você fechar o seu olho e enxergar um destino que o mundo mandou você ser e aí a gente começa a achar o personagem da gente.

Tem uma música, que eu não canto hoje mais, chamava “O Filho de um Lavrador”. O filho de um lavrador, que era eu. Meu pai mexia com lavoura, plantava roça, era garimpeiro, andava por rio abaixo e rio acima garimpando.



*“Eu sou filho de um lavrador,  
Sofredor em Minas Gerais*

*E queria ser compositor*

*Para fazer canção de amor e  
de homenagem*

*E homenagear os artistas e os  
artesãos também.”*



Daí vem essa responsabilidade de seguir, de transmitir, de ensinar para outras pessoas o que eu aprendi, de eu não amarrar aquilo, de soltar.

De junho de 2022 a março de 2023, o projeto Rede de Patrimônio Criativo e Colaborativo de Minas Gerais remontou às catas<sup>2</sup> desbravadas pelos primeiros ocupantes de territórios profundos de Minas, revolveu o pó das lembranças que sobe da mineração e da arte no barro, invocou os poderes de verdade e quimera nas lendas e histórias deixadas como herança e resistência por décadas, aprendeu as preces dos fiéis de vários cantos. Tudo isso, reunimos aqui.

Neste guia turístico narrado e imaginado, participantes e convidados do projeto partilham os mapas de seus territórios experimentados e apontam o caminho pelos patrimônios desvendados e reinventados por eles em suas terras, durante as atividades formativas. Aqui, as dimensões do contar e do contado se confundem revelando rincões fantásticos, que só podem ser adentrados através do vivido de quem pertence a cada lugar.

*Se prepare para embarcar!*



---

<sup>2</sup> A palavra “catas” significa garimpo, escavação mais ou menos profunda, conforme a natureza do terreno para a mineração. Disponível em: <https://www.ufmg.br/vieiraservas/municipio/catas-altas/>



Existem infinitos mapas  
extraordinários que teimam em  
escapar aos limites do visível.  
Quantos territórios fantásticos  
as memórias dos seus sentidos  
são capazes de narrar?

# MINAS GERAIS

## VALE DO JEQUITINHONHA

Pedra Azul

Itinga

Rubim

Araçuaí

Barão de  
Cocais

Rio  
Piracicaba

Santa  
Bárbara

Catas  
Altas

## SERRA DO CARAÇA

# SERRA DO CARAÇA

Barão de  
Cocais

Rio  
Piracicaba



Santa  
Bárbara

Catas  
Altas

# VALE DO JEQUITINHONHA



Itinga

Pedra Azul

Rubim

Araguaí



Se quiser saber mais sobre os patrimônios, expressões e manifestações culturais que serão apresentados aqui, encontre os QR Codes camuflados nas próximas páginas e confira as produções realizadas pelos participantes de cada uma das cidades do projeto.

# TERRITÓRIOS FANTÁSTICOS

*Vire a cabeça, aponte o nariz para o morro mais distante e arregale bem os olhos. Veja a renda finíssima de poeira dourada alçando lá longe, dançando na brisa quente.*

*Vem chegando uma tropa pela estrada.*

*Caminhe uns passos para a esquerda até o barranco do rio. Agora aperte os olhos até trançar as pestanas e silencie tudo em volta, se faça apenas ouvidos.*





*“Ô beira-mar, adeus Dona,  
Adeus riacho de areia”*



Eu não vi a história, mas era lindo demais uma tropa andar com 15, 20 animais carregados, e elas andavam junto com a bandeirada de canoa. Se você historiar, as estradas antigas eram beirando o rio pra poder achar aqueles caminhos mais fáceis e não se perder. Chegava em uma cidade que ia o produto pra outro destino, as bandeiradas de canoa entregavam as tropas. Já tinha aquelas tropas que recebiam a carga das canoas e iam pra outro lugar que não tinha rio. Era lindo demais você ver uma bandeira de canoa passar.

Cada bandeirada de canoas, igual o tropeiro, elas tinham um violeiro que cantava pra amenizar a viagem. De cada praia que eles acampavam as canoas, era um show camuflado. Incendia um fogo ali e ia tocar viola, ia cantar, pra no outro dia seguir a viagem.

No rio Jequitinhonha, o cantador mais famoso que eu vi nas histórias chamava Tatalô. Tatalô era um

cantador, um violeiro, quase todas as bandeiradas de canoa contratavam o Tatalô. Ele não pegava peso, não pegava em nada, o negócio dele era viola e cantar. Então ele cantava aqueles cantos que eles criavam, aqueles cantos de beira-mar.

O Tatalô cantava muito bonito, aquela voz linda! E o rio é como se fosse uma caixa, tem um sistema grave que o som com os matos que tinha, era muito vegetado na beira do rio, dá aquele eco e ajudava o som. Aí o canto do cantador ficava mais bonito. Quando ele estava cantando e as canoas subindo, descendo, as pessoas que moravam nas margens do rio escutavam a voz de Tatalô longe. Saía das casas as moças, o pessoal:



*- Olha, tá passando aí os  
canoeiros! Vamos ouvir o  
cantador!*



Vinha aquele tanto de gente no barranco do rio. Ficavam as moças, os rapazes, o pessoal olhando as bandeiras de canoa passarem.

Em um mapa do seu lugar no futuro, o que você deixaria o passado desenhar?



Barreiro

Igreja do Rosário

Cinema Meninos de Araçuaí

Banho de rio

Córrego Calhauzinho

Baixada

Bateando ouro

Rio Araçuaí

# ARAÇUAÍ

## *Visitar a praça do passado para imaginar futuro*

por *Mirlane (Pê)* e *Joseph (Jho) Coelho*

**VINHAMOS** canoieiros trazendo suas mercadorias pra vender e era bem aqui que acontecia todo o movimento da feira. Aqui, a gente tá na Praça Valdomiro Silva, que é bem em frente ao Cinema Meninos de Araçuaí<sup>3</sup>, um ponto de cultura desse lugar. Este espaço é muito significativo, porque a cidade começou aqui.

**NESTE MOMENTO**, tem um rapaz passando com um carrinho de mão,

fazendo barulho, levando algumas coisas, levando telhas. Eu diria simplicidade, se fosse pra resumir este lugar com uma palavra. Uma pessoa simples com trabalho simples. A construção social deste lugar onde eles estão reflete um pouco dessa simplicidade no fazer, de encontrar maneiras de sobrevivência.

---

<sup>3</sup> Ponto de Cultura no estado de Minas Gerais. O Cinema Meninos de Araçuaí é um projeto do CPCD, que além de promover exibição de filmes também fomentou a formação de profissionais da área e a criação independente, dando origem à Fabriqueta de Produção Audiovisual. <http://www.cpcd.org.br/cinema-meninos-de-aracuai/>

## NÚCLEO HISTÓRICO DE ARAÇUAÍ/BAIXADA

Conj. arquitetônico do Núcleo Histórico de Araçuaí – Área compreendida pela R. Salinas, Travessa Iguassu, Travessa Calhau, Travessa Tapuia, Travessa Mica, Rua do Rosário, R. Grão Mogol, R. Paraíba, R. Malacacheta, R. Costa Sena, R. Gentil de Castro, Praça Waldomiro Silva. Decreto de Tombamento nº 089/2002



**TEM O RIO**, os patrimônios, a igreja do Rosário que está logo ali. Este espaço mesmo é tombado como patrimônio. O centro histórico da cidade tá aqui na baixada e tem essa importância toda. Aqui tinha uma televisão que o pessoal assistia na praça e tinha a hora da energia cair também.

**AS VÁRIAS** enchentes, principalmente a de 1979, atingiram muito a população ribeirinha. Então, aconteceu do pessoal migrar e subir para um bairro que ficou conhecido como Canoeiro e depois, como Mutirão. A cidade era relativamente pequena, cresceu

de um tempo pra cá, apesar disso, eu não tinha nenhuma relação com a Baixada. A última enchente em 79, eu não tinha nascido ainda. Quando eu já estava um pouco maior, este espaço já estava abandonado.

**POR AQUI** ser um lugar de famílias mais simples, de uma condição financeira muito ruim, os pais colocavam essas crianças na escola e no Projeto Ser Criança. Eles conseguiam um trabalho, às vezes de dia inteiro, e não conseguiam cuidar da criança. Grande parte desses meninos são aqui da Baixada, só eu que



não sou daqui. Eu sou do Pedregulho, um bairro afastado da cidade, um bairro alto. Indo para esse projeto, comecei a conhecer crianças daqui. Minha relação aqui com a Baixada foi mais de encontrar esses amigos do projeto, minha relação foi de amizade.

**Eu só** tive uma relação aqui quando vim fazer um trabalho com o CPCD<sup>4</sup>. Começamos a tentar ocupar

pra revitalizar este lugar. Quando a gente chegou, a reação foi “Nossa, que lugar feio!”, porque era só casa caindo, não tinha ninguém, era mal iluminado, não tinha movimento nenhum e a gente não conhecia a história. Depois que começamos a conhecer a história, foi que começamos a valorizar mesmo e entender que o lugar não era assim.

<sup>4</sup> Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento. Disponível em: <http://www.cpcd.org.br/>

**TEMPO DEPOIS**, eu tenho a oportunidade de vir trabalhar no cinema. Esses amigos já estavam maiores, mas sempre com essa coisa da brincadeira, de brincar de bola... Tem um campo aqui embaixo, tem um rio onde íamos tomar banho. Eu comecei a conhecer os amigos dos amigos, mãe dos amigos. Sempre foi mais legal brincar aqui. As casas estavam abandonadas, então para a gente era mais interessante brincar de pique-esconde, por exemplo. Até as mães ficavam mais tranquilas porque é uma rua menos movimentada, você conseguia ficar mais na rua sem tanta preocupação.

**NÓS FOMOS** convidados para vir para cá e pensar esse espaço. A gente não podia “invadir” o lugar, assim, sem se relacionar com as pessoas. Então, quando viemos pra cá, fizemos muito esse trabalho de convidar o pessoal para conversar, “Por que é que vocês querem destruir isso aqui?”, porque era ainda o pensamento de muitos moradores, que já estão cansados de ver as coisas em ruínas, aí se torna um lugar propício a tráfico, e muitas outras coisas.

**ENTÃO, MINHA** relação começou a partir desse trabalho, de entender as histórias dos prédios das pessoas, do lugar e aí apaixonei muito por aqui. Entendi meu lugar. É isso, uma relação de muito carinho. Sempre quando eu passo por aqui é um motivo de boas lembranças e de esperança também, que as pessoas ocupem cada vez, o poder público olhe com mais carinho e a população tenha esse sentimento de pertencimento mesmo, porque é nosso, é nosso patrimônio!

**ESTE LUGAR** para mim é isso, é afetividade, é companheirismo, é proximidade com as pessoas.



# O BATISMO DO OURO

Por Joseph Coelho

Eu já tinha ouvido falar dessas senhoras que bateiam procurando ouro em cabeceiras de rio aqui nas redondezas, e que a maneira de batizar em cada lugar é diferente. A Cláudia, mãe do Zinho, ela vem dos arredores de Araçuaí. Quando ela fala de batizar o ouro, porque senão ele some, ela falava que tinha que colocar o ouro no buraco, cuspir e enterrar. Eu sei que sempre tem um ritual, porque o ouro é uma coisa sagrada, ele pode fugir. Ela falou que quando achou, ela não cuspiu antes de enterrar, então ele fugiu, sumiu debaixo da terra.



Se fizesse um mapa da fé onde você mora, quantas formas de acreditar diferentes ele revelaria?



Igreja Matriz



Centro



Cruzeiro



Pista de skate



Distrito de Cocais



Cachoeira da Cambota



Cachoeira da Gameleira



# BARÃO DE COCAIS

## *Partindo da Matriz de São João rumo ao Poção de Oxum*

*por Wender (Dorado) do Santos*

Sou popularmente conhecido como Dorado. Esse nome veio dos rios de Oxum, em que eu fui batizado. Por mim mesmo, inclusive. O rio fica num bairro próximo, o Dois Irmãos. Ele é muito especial pra mim, é meu refúgio, onde eu encontro a minha paz.

Saindo aqui da Praça da Matriz, você segue reto toda a vida pela esquerda e no final disso tudo vai cair nesse rio. Se não encontrar, pede a informação que todo mundo no começo da cidade, no primeiro bairro, vai saber onde é. Não tem erro.

A gente chama de Poção ou Pocinho. Ele não tem um nome, porque fica

em um bairro periférico, então não tem muita atenção. Mas eu gosto muito desse rio, eu sempre vou catar o lixo de lá. Sempre observo se tem mais alguma coisa que possa mudar pra preservar o lugar que gosto. Eu tenho uma relação com ele de poucos anos, na verdade. Quando eu descobri que eu poderia usar minha liberdade pra me descobrir mais, eu descobri esse rio. Eu cuido desse rio como se ele fosse um irmão meu. Moro ali perto desde que eu nasci, mas só descobri o Poção recentemente.



Meus pais não são daqui. Quando eles vieram pra cá, o costume era que você buscasse uma igreja por perto pra quando você tivesse filhos, batizasse seu filho nessa igreja. A única igreja que tinha na época era a Matriz.

Eu me lembro do teto da Matriz. Na época, era uma pintura totalmente diferente. Eu me lembro e tenho uma familiaridade com o batismo e com o teto dessa igreja. O nome dela é Igreja Matriz de São João. Lembro

que tinham vários anjos nesse teto e um espelho refletindo alguém. Eu lembro também que parecia o céu e que os anjos nadavam nesse céu. Não parecia que eles estavam voando. Era uma imagem meio distorcida, porém era muito bonita. Era uma pintura bem antiga, na época estava até descascando. Eu lembro que eu ficava viajando nesse teto por horas e horas.



olha a vista do cruzeiro

## *O cruzeiro que brilha nas noites de Barão*

*por Micaely Fernandes*

Este aqui é o Cruzeiro, que tem uma vista maravilhosa. Neste horário da manhã, fica uma delícia de ver e sentir essa brisa no rosto. Dá pra você ter um panorama da cidade e das montanhas também. Ele fica a uma altitude bem alta da cidade. Tem uma torre aqui atrás da gente, eu acho que é de sinal de telefone. Tem também uma grama, uma capela católica e o Cruzeiro que é uma cruz de todo tamanho, que brilha à noite. Ela brilha muito, até onde você ver cidade a vista da cruz alcança.

Este lugar tem um significado pra mim e pra um monte de jovens aqui de Barão, porque a gente gostava de subir na torre. Vocês viram a torre lá em cima? Não tem como subir mais não. Tem muitos casais que vêm aqui no Mirante namorar, gente que vem aqui ficar com os amigos, beber um pouco. O meu primeiro contato, eu vim com a escola. A gente saiu lá de próximo daquele pontilhão a pé e veio pra cá, isso é coisa de 3km. Adolescentes, adultos, jovens, vem pessoas de várias faixas etárias aqui.



## RINCÕES DAS DESCOBERTAS

# BARÃO FERVILHANTE

*Por Wender (Dorado) dos Santos*

Eu descobri que o underground da cidade é muito importante para mim, as rodas de rima na Pista de Skate, as rodas de rap, a própria Pista de Skate, o Poliesportivo. Tem as manifestações mais tradicionais também, a festa de São João aqui na Matriz mesmo. No distrito de Cocais, tem a Festa da Quitanda, tem a feirinha dos artesãos ao lado da Pista de Skate e a Casa do Artesão, aqui em frente a Matriz.

## CASA DO ARTESÃO

A Casa do Artesão reúne diferentes artesanatos que remetem à história de Barão de Cocais e dos seus moradores. No local, estão expostos produtos fabricados pelos artesãos cocaienses e é possível adquirir essas produções. A Casa do Artesão foi tombada pela Prefeitura Municipal de Barão. Decreto de Tombamento nº 008/2009.

Praça Monsenhor Gerardo Magela Pereira, nº 304/308  
– Centro



## GAMELEIRA, UM SEGREDINHO PARA O VERÃO

Por Micaely Fernandes

Perto da minha casa, no bairro Boa Esperança, tem uma cachoeira escondida embaixo de uma ponte. O pessoal lá do bairro conhece, se você perguntar onde tem a cachoeira da Gameleira, eles vão saber explicar direitinho. A água é bem fria, então tem que ser no verão. Ela é mais oculta, está entre paredões rochosos gigantes. É uma cachoeira linda com água escura. O pessoal, quando vai pra Cachoeira da Cambota, passa pelo último bairro, que é o meu, ou o Cantinho do Céu, e passa por essa cachoeira.

Tem uma parte de baixo, é um riacho bem rasiinho que crianças adoram ir. Tem uma outra parte que tem um pouco mais de pedra e é mais profunda, é bom até tomar cuidado. Lá perto tem uma represa que muitos moradores recebem essa água na torneira de suas casas. Antes dessa represa, tem uma areazinha com a cachoeira lá no fundo. Você tem que ir nadando pra adentrar essa cachoeira ou vai pelo paredão. É um lugar que é um segredinho.

### CACHOEIRA DA CAMBOTA

Localiza-se no bairro Córrego São Miguel e integra o complexo Serra do Espinhaço, reconhecido em 2005 como Reserva da Biosfera pela Unesco.

Trem



Vista de  
Catas Altas

Quase todo mundo tem uma roça em sua linha do tempo. Que tal resgatar essas memórias e fazer seu próprio guia de aventuras por terra e mato?



# CATAS ALTAS

## *Cafezinho com bolo no Sítio Córrego Barbosa*

*por Gislene Marcela Muniz*

É o sítio da minha avó, ele chama Sítio Córrego Barbosa. A região aqui, a gente fala mais perto da Ponte dos Perdões, o nome mesmo ninguém sabe. Tem um córrego que passava aqui no fundo, ele passava também pela região do Barbosa, um lugar que tem aqui pra frente, aí ficou chamando assim. Hoje é uma lagoa, mas antes era um córrego.

Pra chegar, a pessoa sai de Catas Altas em sentido a Santa Bárbara. Vai entrar na primeira entrada direita, aí ela vai pegar a estrada de terra e vem reto. Vai passar a Ponte dos Perdões, continua reto, aí sobe o morro

da Ponte dos Perdões. Vai passar o mata burro e continua subindo um pouquinho. Na encruzilhada entra à esquerda e desce à esquerda de novo e chega aqui.

Quando me perguntaram um lugar em Catas Altas, que se eu tirasse uma foto, essa foto contaria a minha história, eu tentei pensar em muitos pontos turísticos, depois eu comecei a pensar aqui. É que eu cresci aqui, passei minha infância inteira, a melhor fase da minha vida. É uma fase que nunca mais vai voltar, mas as lembranças estarão pra sempre comigo.



Quando eu penso aqui, em casa de vó, casa de Dindinha Veva, eu penso em um cafezinho com bolo. Aqui sempre tem bolo. Eu penso nos primos. Quando a gente era novo, juntava os primos, brincava no campinho, brincava de queimada, brincava de futebol, brincava de artilheiro. E eram umas brincadeiras

gostasas. Brincava de bicicleta nessa estradinha que tem aí. Na época de jabuticaba, a gente subia no pé, apanhava, fazia bolo de barro e jabuticaba debaixo dos pés. A gente escondia no meio das bananeiras para as galinhas não mexerem. Dindinha Veva que aguentava essa bagunça.



## RINCÕES DAS DESCOBERTAS

# VISITA À CASA DO ZÉ DO LEITE E DA NAZINHA

por Denise dos Santos

Essa cultura popular que a gente presencia na roça, a feitura do queijo, levantar cedo pra tirar o leite, pra tratar dos bichos, colher o milho, a cebola... Eu fui redescobrir isso na casa do Zé do Leite e da Nazinha. Assim, justamente nessa ordem que eles falam, “Nazinha do Zé do Leite? Ah, eu sei quem é”. Lá nós presenciamos tudo isso, subimos na cerca para tirar foto dos animais, voltamos com carrapato. Quem não voltou com um carrapato, foi errado.

Essa visita que nós fizemos de rolezinho com a turma me trouxe um atravessamento de memórias da infância. Eu passei um período grande da infância na roça e essa volta a um território que reascendeu minhas vivências, me fez perceber o quanto elas ainda estão presentes. São práticas que acabaram na minha família, mas que continuam em outras e que os meninos que estavam comigo no rolezinho ainda têm acesso.



## A 40 MINUTOS DO CENTRO, CACHOEIRA DA SANTA

por Natalie Matos

Em Catas Altas, se você caminha 40 minutos do centro da cidade, você está dentro de uma cachoeira incrível, linda. Eu tirei um dia e falei “Gente, eu vou na cachoeira amanhã. Quem anima?”. Fui cedinho, saí era sete horas da manhã. Tudo muito sinalizado, fui seguindo as placas: Cachoeira da Santa. A gente está no Centro, na Praça da Matriz. Depois que a gente desce e atravessa a ponte que tem um riozinho passando, vira à esquerda e tem um campo de futebol. Dali, continua subindo uma trilha muito tranquila. E aí, você não sabe... a água é limpa! Quando você entra, ela dá uma afundadinha, então dá pra nadar. Velho, que presente, que coisa incrível!



## **CENTRO HISTÓRICO DE CATAS ALTAS**

O Núcleo Histórico de Catas Altas compreende a Rua do Rosário, Ladeira da Santa Quitéria, Rua Monsenhor Barros, Rua São Miguel, Rua Nossa Senhora do Carmo e outras, incluindo a via e suas respectivas construções. O Núcleo Histórico foi tombado como Patrimônio do Município, em 1999.



Rio Jequitinhonha

Traíra encantada



Porto da Branca



Casa do Mestre Ulisses



Tâmulo  
Escrava Feliciano



Casa das 7 portas



Mercado Municipal



Festa junina

Cidade Nova



Aproveite o enredo do Antigo Mercado pra se inspirar e criar um glossário dos cheiros e sabores da sua infância

Campinho de futebol



# ITINGA

## *Uma imersão nos cheiros e sabores do Antigo Mercado*

*por Christiane Cardoso Teixeira*

Cidadã de Itinga a minha vida inteira, 45 anos. Eu não seria a Christiane se eu tivesse vivido e convivido em outro lugar, porque a história de Itinga me traz toda essa resistência. Itinga é um lugar de muita resistência. É um lugar antigo que se tornou cidade aos poucos, pela necessidade, pelos aglomerados.

Este espaço aqui em que estamos era o Mercado Municipal. Itinga surge em torno do Porto da Branca, um entreposto comercial, local de trocas de mercadorias do Sul da Bahia com o Norte de Minas. Fica pertinho daqui. E aí surge a necessidade do mercado, início do século XX.

Vinha o pessoal da zona rural, e era rapadura, queijo, arroz, a gente produzia muito toucinho. As tropas também vinham da zona rural e vinha muita mercadoria pelo rio. No final da década de 1990, a feira ainda acontecia aqui.

Durante todo esse período que o mercado existe, já deve ter mais de 100 anos, além de troca de mercadoria, aqui também era o lugar que acontecia as festas, os bailes de carnaval. Minha avó sempre contou que tinha muita festa, festa de cordão, era o espaço que aconteciam as festas dos partidos políticos também. Aqui sempre foi espaço de tudo!



Lembro na minha infância, que aconteciam os leilões da igreja. Eram festas com mesas de leilões que tinham biscoito, coco, compota de doce. A feira que acontecia aqui dentro do espaço do mercado e no entorno. Tinha um senhor que tinha uma máquina de descascar laranja, naquela época pra nós era um evento ver aquele descascar da laranja. Tinha uma máquina que tinha umas

garrafas penduradas e aí saía uma espuma gelada e pra nós era sorvete. Esses eventos da infância, vir na feira, aqueles cheiros, aqueles sabores, degustar essas coisas novas.

Lá pelo período de 2007, por aí, a feira muda e vai pra um outro espaço, que é a feira coberta. Hoje aqui é o Centro Cultural.



## Entre Araçuaí e Itinga, conheça o Taquaral

por Genilson Rocha

O Taquaral fica às margens do rio Jequitinhonha. Pra se localizar é bem fácil, ele fica entre a cidade de Itinga e Araçuaí, no meio ali entre as duas. A gente escolhe o prefeito de Itinga, mas Araçuaí é uma cidade onde a gente sempre vem resolver as coisas.

Lá no Taquaral, tem uma parte do pessoal que é mais de idade, que fica mais em casa, só participa das coisas da igreja ou da escola. E tem as pessoas que gostam muito de festa, de sair. Apesar de ser um local pequeno, tem gente bem alegre e muito trabalhadora. Uma das bases da economia de lá é a exploração de pedra preciosa de maneira artesanal. O

pessoal pega mesmo a picareta e tenta achar alguma coisa. Alguns até mudaram de vida dessa maneira.

A comunidade, quando ela se une pra fazer alguma coisa, algum encontro cultural, alguma festa, sempre saem coisas bem bacanas. Lá foi formado por três famílias, então não é muito difícil você achar um primo distante. E o que eu mais gosto é isso, dessa relação próxima que a gente tem com as pessoas. A minha família é gigante e é a parte da minha avó. Ela foi uma das três que fundaram o Taquaral. Família Ferreira. Tem a família Rocha e os Gonçalves também.



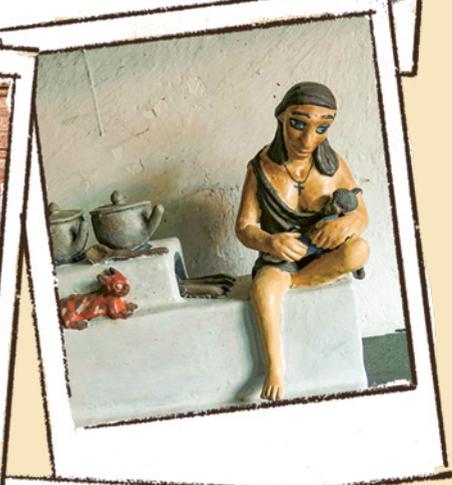
## RINCÕES DAS DESCOBERTAS

# A DESCOBERTA DA HISTÓRIA

*Por Genilson Rocha*

Eu descobri a história. Até porque a Christiane é uma historiadora e eu tive esse privilégio de ter tido aula com ela no projeto. Ficou muito pra mim o aprender mais sobre o local onde eu nasci, saber que a cidade de Itinga tinha uma economia muito forte baseada no rio Jequitinhonha. Eu não sabia. Sobre as histórias, as lendas, eu não sabia que era tão forte essa tradição das lendas. É uma coisa que eu não conhecia mesmo.

A que mais me marcou, eu acho que foi a da Escrava Feliciano por toda a questão do racismo e também depois, dela operar milagres, segundo os relatos das pessoas. Ela tinha muitos devotos na cidade. Ela era uma escrava e a dona dela, acho que ficou brava e queimou ela no forno. O local onde ela foi enterrada virou meio que sagrado para as pessoas. Uma vez por ano, tem a festa dela na cidade, em novembro, no Dia da Consciência Negra tem a procissão.



Centro Histórico



Bicho da Carneira



Praça do Varandal



Boi de Janeiro



1, 2, 3 e já! Diga, sem se demorar, o nome do lugar mais fantástico que você conheceu



Cova de Sabino



Pantanal Pedrazulense



# PEDRA AZUL

## *O Pantanal Pedrazulense*

*por Willian (Will) Nascimento*

Você desce a avenida e vai reto toda vida, sobe a ladeira da Policlínica direto e quando você começar a descer, chegou no Pantanal.

O Pantanal é o lugar que eu cresci. Quando eu mudei pra lá, ele tinha recém urbanizado, antes tinha uma fazenda. Nós somos uma das primeiras famílias a chegar lá, isso em 1994, eu tinha 3 anos de idade. Morei lá até os 22 anos, passei grande parte da minha vida, vi a comunidade crescer. Acho que tudo relacionado à minha vida está no Pantanal.

Por se assemelhar um pouco com o Pantanal do Mato Grosso do Sul,

o povo deu esse nome. É uma vila dentro do bairro Plataforma. Antigamente, era uma lagoa exatamente no lugar onde as pessoas construíram as casas. Ela fica num vale e você não vê mais nada ao redor, você só vê o Pantanal.

Grande parte das coisas que eu tenho referência, dos trabalhos que eu faço, eu trago muito do Pantanal, um lugar que tinha rezador, tinha caçador, tinha criador de passarinho, tinha as pessoas que faziam os remédios santos, são pessoas que eu convivi no Pantanal durante muito tempo.



## RINCÕES DAS DESCOBERTAS

# MARIA E OS BOIS DESCEM A LADEIRA EM JANEIRO

por Bianca Félix

No dia eu não sabia direito, mas eles tinham nos chamado pra tirar foto dos bois. Aí nós entramos lá dentro da roda tiramos a foto dos bois todos. Aqui são vários bois. Quando é primeiro de janeiro, eles já começam a sair e saem até dia seis. Tem os Bois da Ladeira, da Serra e outros. Cada um mostra o que sabe.



Eles entram numa roda com a Maria Manteiga que samba. Também tem outras Marias. Antigamente, que eu sei da história, a Maria que brigava mais ganhava. Disputavam também pra ver qual era a mais bonita. Só que hoje em dia não é mais assim de briga, não. A Maria é uma boneca, que nem o boi, bem grande e vai uma pessoa dentro.

Todo ano eu vou. São seis dias que eles se encontram aqui na Praça do Varandal. Eu subo junto com eles e desço também. Eu lembro a primeira vez minha. Nós viemos pra cá pra praça e na hora de descer, a Maria começou a enrabar eu, minha irmã e meu primo. Nós descemos a avenida todinha correndo. Eu acho que eu tinha uns nove anos, dez por aí.

## FOLIA DE REIS

A Folia de Reis é uma forte expressão cultural e religiosa reconhecida como patrimônio cultural imaterial do estado de Minas, pelo IEPHA, em 2017. Alguns grupos tradicionais do Vale do Jequitinhonha integram ao Reisado um folguedo popular conhecido como Boi de Reis ou Boi de Janeiro. São exemplos o Boi Carvão e Boneca Paga Luz, as Pastorinhas do Grupo Raízes da Vida, Boi de Janeiro JJ e Boneca Elenita, entre outros.



## CENTRO HISTÓRICO DE PEDRA AZUL

O Centro Histórico do município é um patrimônio tombado pela Prefeitura Municipal e possui casario construído no início do século XX.





# RIO PIRACICABA

## *Rio Piracicaba em maio*

*por Ana Laura Tomaz*

Se vocês pudessem vir mesmo em maio, vocês iam ver. Coisa mais bonita a procissão! É festa de São Miguel, a cidade inteira se junta pra rezar. São Miguel é o padroeiro aqui de Rio Piracicaba, tem até o mirante dele.

A gente tem os dias de novena na igreja do Bom Jesus. Depois que acabam os 9 dias, a gente faz uma procissão de 5 dias. Primeiro a gente sai com o Senhor Bom Jesus, que vai pra outra igreja andando, tem

também o estandarte com o rosto dele e a gente sempre vira o Senhor Bom Jesus pra todas as casas, pra abençoar. No final volta aqui pro São Miguel. Eu fui batizada, lá.

Pra chegar na igreja é bem fácil. Você pega aqui a BR e vai sair na porta do supermercado. Vai subir mais um pouco e tem a placa no Morro do Hospital. Dali vai descer e já vai dar de cara com a Prefeitura e com a Igreja.

## IGREJA MATRIZ – PARÓQUIA SÃO MIGUEL DE RIO PIRACICABA

A Paróquia São Miguel foi criada em 1748 e é um patrimônio inventariado em 2007, pela Prefeitura Municipal de Rio Piracicaba.



### *Da Bahia, veio fazer a história no Jorge*

*por Emanuele Correia*

A casa da minha bisavó fica no Córrego São Miguel, um pouco antes de Monlevade. É um bairro daqui. Lá eu passei muita coisa com a minha família e a maior parte da minha vida. Até hoje, eu vivo lá. Ela é mãe da minha avó por parte da minha mãe. No dia do aniversário dela, todo mundo se reúne lá pra comemorar.

Não é uma casa grande, mas é aconchegante, tem muito carinho. A minha bisavó veio com a mãe dela da Bahia, fugida de uma fazenda de escravos. Ela mudou pra cá pra roça, lá no Jorge, com o meu bisavô quando os dois se casaram. Tem o bairro da casa da minha avó hoje e o Jorge fica um pouco pra baixo. É uma roça bem distante, mas é aqui dentro de Rio Piracicaba mesmo.



Minha bisavó fez a história no Jorge. Uma das primeiras casas que construíram lá, meu bisavô ajudou a construir e eles moravam numa delas. Aí a minha família foi toda ficando por lá mesmo. Depois a minha

bisavó veio embora e todo mundo veio junto com ela. Quando ela mudou lá pro Córrego, pra COHAB<sup>5</sup>, ela conta que quase não tinha casas. Agora lá tem mais casas, tem supermercado, tem tudo lá em cima.



<sup>5</sup> A COHAB, Companhia de Habitação do Estado de Minas Gerais é uma empresa de economia mista do Governo do Estado, hoje vinculada à Secretaria de Estado de Cidades e Integração Regional, e tem por objetivo promover o acesso a habitação de interesse social.

## DÊ UM ROLÊ NO QUILOMBO CAXAMBU E CONHEÇA O BURÉ

*por Gabriela Matos*

Foi muito legal o que aconteceu com o Buré. A turma toda falou que tínhamos que fazer a entrevista com ele. Quando a gente chegou lá no Quilombo Caxambu, tinha esse senhor esperando um pouco para cima. Eu não conhecia quem era ele, nem de imagem, e o Júlio falou assim “Esse aqui é o Buré” e um dos meninos respondeu “Esse é o Buré? Ah! Eu conheço. Ele ensaiou a gente na banda”.

Essa figura foi intitulada detentor do patrimônio cultural da cidade, de fazeres tradicionais da música, da Folia de Reis; está tão perto deles, tão do lado deles e eles não sabem. Quer dizer, eles sabem, mas eles não associam o valor que essa figura tem à pessoa. A história já está introduzida, mas eles não têm acesso no sentido de parar, refletir e conseguir fazer essas ligações.

Um professor meu, o Fred, falou uma frase tão bonita, eu nunca esqueço, “Às vezes, a gente nem tem a possibilidade de sonhar”. A gente nem sabe onde pode ir. O simples ato de circular pela própria cidade, de entrar dentro de um ônibus e saber que você está indo para um lugar que não é a sua casa, a sua rua, isso promoveu um alvoroço nas turmas do projeto. E esse rolezinho cria memória.

## QUILOMBO CAXAMBU

O Quilombo Caxambu, em Rio Piracicaba, foi certificado como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares, em 2011. No local, é desenvolvido intenso trabalho comunitário de salvaguarda e transmissão de tradições centenárias.



Serra da Cangalha

Baixinha

Vokuim

Folia de Reis  
Coquis

Cova do Correio

Casa na roça

Lá no fundo do baú das memórias,  
todo mundo tem um contador de  
histórias que carrega consigo pra  
todo lado. Quem é o seu contador?



# RUBIM

## *Fazenda Encantada e Roça das Histórias*

*por Alba Valéria Dutra*

Minha avó era filha de mestre de folia. Ela adorava folia. Meu pai também adorava Folia de Reis e a nossa casa na roça tinha um salão grande. Acho que nem era tão grande assim, mas eu criança via como grande. Tinha cimento, coisa que nas fazendas a maioria era de chão batido, então eles faziam o finalmente da folia lá. Fazenda Boa Vista. Ficava na divisa do Rubim com Jacinto. Meu pai e minha mãe eram muito fartos e tinha muita coisa gostosa de comida, de bebida, minha mãe armava o presépio... então eu fui criada com essa cultura comunitária.

Na minha casa, era muito comum se reunir pra contar caso, eu fui rodeada de histórias na minha infância e eu sempre gostei muito. Minha avó era uma narradora, essa fonte pra mim foi sempre muito rica e perene. Quando eu estudava o ensino médio, eu conheci Guimarães Rosa e foi aí que eu me encontrei na literatura, porque eu vi que tudo aquilo que eu valorizava e gostava, que me nutria, compôs o imaginário da literatura rosiana e foi ele quem disse que narrar é resistir.

Aqui em Rubim, muitos causos e lendas sempre foram narrados, nós temos nossos griots. Um conto que nos marca muito é a lenda do Seu Manoel, a lenda da Cova do Correio, que conta um tipo de crime

de preconceito, de culpabilização e até de extermínio de uma raça. Esse conto mostra que a história é o lugar também da transgressão, o momento de sair da dor e de elaborar esse luto através da imaginação.



## FOLIA DE REIS COQUIS

A Folia de Reis Coquis foi fundada entre 1900 e 1901, em uma fazenda de um antigo povoado chamado União, na região de Rubim.





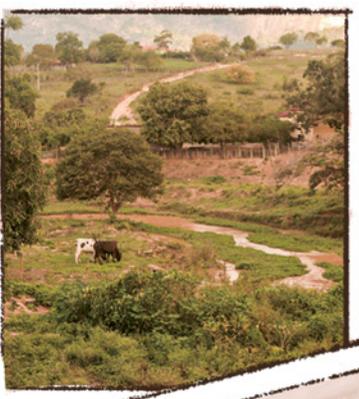
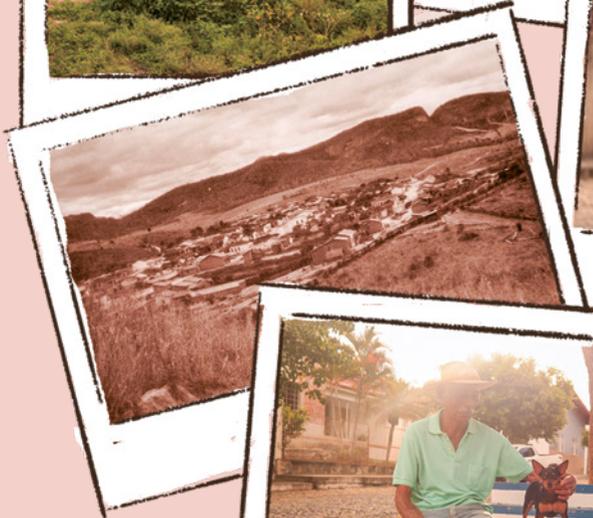
## RINCÕES DAS DESCOBERTAS

# DA BAIXINHA, VEJA A SERRA DA CANGALHA

*por Carlos Domingos de Jesus*

Eu cresci na Baixinha e a minha história tá toda ali. É um dos bairros mais desprezados do Rubim. Ela representa tudo na minha história, porque foi a partir dela e do Rubim que eu comecei a adquirir os conhecimentos e realmente aprendi a viver. Eu sempre ouvi dizer de vários pontos aqui, mas depois que eu entrei nas oficinas do projeto, foi que descobri lugares muito lindos que nunca tive a oportunidade de conhecer.

Um deles é a Serra da Cangalha. Ela é bonita! Batizaram com esse nome porque parece essa cangalha usada em animais. Antigamente o pessoal, como não tinha muitos meios de transporte, colocavam a cangalha nos animais pra carregar os materiais e tudo mais.





Congado

zé Pereira  
Mascarados

Igreja do  
Rosário

Praça XX

Rua dos Paços

Cinema

Casa de Cultura

Cemitério

Praça do  
Karaíba

Você tem uma agência de viagens  
que promove passeios incríveis  
por lugares inusitados onde você  
vive. Crie uma propaganda para  
divulgar um desses passeios

Morro da  
Água quente

# SANTA BÁRBARA

## *Destino muito frequentado, conheça a Rua do Cemitério*

*por Sofia Martino*

A gente está conversando na casa da minha família. Era a casa do meu bisavô, que passa pra minha avó, que agora é dos meus tios e eu moro aqui com a minha tia Dodora.

É uma casa colonial, tem um quintal enorme com umas árvores centenárias que o meu avô plantou. Aqui é uma bagunça de plantas, plantas comestíveis, medicinais, ornamentais, tem fruta, tem remédio, tem de tudo. Antes era muito mais. A minha avó colocava vaso em todos os milímetros da casa. E no alto eram os passarinhos do meu avô. Ele tinha uma coleção de passarinhos, todos

registrados, os dois eram esse casal das plantas e dos passarinhos.

A minha mãe e o meu pai moravam em outro lugar, mas como a minha mãe trabalhava bem próximo dessa casa, eu sempre fiquei muito aqui. Todo mundo se reunia aqui pra brincar, fazer churrasco. Depois minha avó morreu, a gente ficou por conta de cuidar do meu avô e quando eu tinha uns 11 anos, ele morreu. Assim esfriou um pouco essa relação com a casa, mas as memórias da infância, os momentos bons que a gente teve aqui permaneceram.



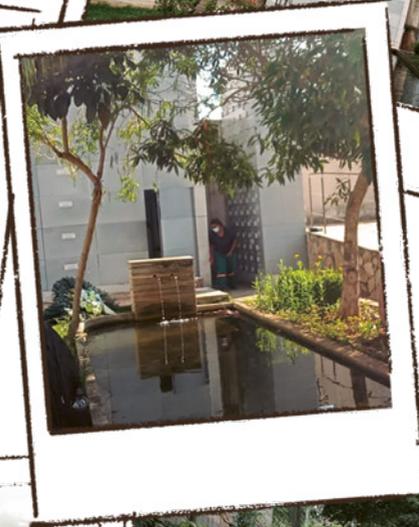
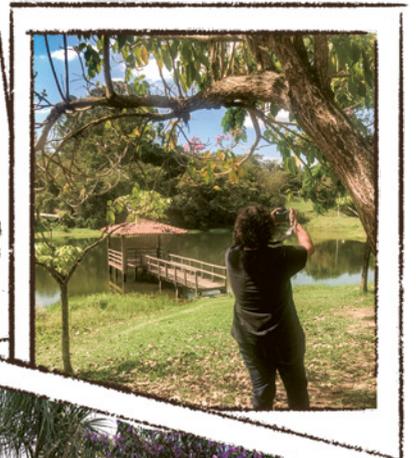
Em Santa Bárbara, primeiro construíram a Igreja da Matriz. Cresceu um pouco e construíram a linha do trem, aí ela desenvolveu de novo. Nesse processo, era tudo pro lado da matriz e da linha do trem. Esta rua aqui do cemitério não tinha nada, tinha esta casa aqui e mais outra pra frente, o cemitério e mato. Mato infinito. Depois tudo foi crescendo.

Minha avó morava nesta rua, minhas tias moravam nesta rua, meu tio-avô morava nesta rua, é quase que uma vila da minha família. Quando eu era criança, brincava, andava de bicicleta aqui, brincava no cemitério. A história da minha família meio que tá embolada com a história do surgimento e evolução da cidade.

## CEMITÉRIO MUNICIPAL DE SANTA BÁRBARA

Dentro do único cemitério do município, está a capelinha tombada como patrimônio histórico da cidade. Decreto nº 1376/2006. Santa Bárbara foi a primeira cidade do país a ter um cemitério vertical biosseguro público.





# ZÉ PEREIRA, BONECAS DE PALHA E UM ANTIGO CINEMA

por *Samuel Cássio Ribeiro* e *Sofia Martino*

**EU DESCOBRI** muitas coisas que eu não sabia. Eu descobri que o cinema é um patrimônio da cidade e hoje em dia ele é fechado. Ele é usado como um teatro, às vezes, e também formaturas acontecem lá dentro.

**UMA TRADIÇÃO** feita pelas artesãs de Santa Bárbara, que eu também não sabia, são as bonecas de palha. Eu já vi muitas expostas na Casa da Cultura, são bonecas de tamanhos médios, coisa de meio braço, feitas de palha de sabugo de milho.

## CINE TEATRO VITÓRIA

O antigo Cine Vitória, construído em estilo art déco, nos anos 1940, foi desativado e retoma o funcionamento em 2007, como um espaço interativo destinado a abrigar o plenário da Câmara Municipal de Santa Bárbara, além de servir também à exibição de filmes, apresentações teatrais e formaturas. Patrimônio material de Santa Bárbara, tombado pelo município em 2004.

## MODO DE FAZER AS BONECA DE PALHA

O Modo de Fazer Bonecas de Palha tem a sua origem no contato diário de Hilda de Jesus da Cunha com as lavouras de milho de seus pais, sendo estimulada a criar objetos com os recursos naturais disponíveis. O trabalho continua, agora, com a filha da artesã, Maria Lúcia da Cunha. A tradição foi registrada como patrimônio imaterial no Livro dos Saberes, pela Prefeitura Municipal de Santa Bárbara, Decreto nº 01/2014.

**AQUIEM** Santa Barbara tinha uma brincadeira pré-carnavalesca chamada Zé Pereira. Ela é conhecida também como Mascarados. E os meninos se fantasiavam, colocavam a máscara, cobriam o corpo todo, pegavam um pau e saíam pra rua pra assustar os outros. Era anoitecendo na quinta e na sexta-feira, antes do carnaval. Ela cria uma energia que fica no ar... todo mundo esperando os mascarados saírem.

**EU COMECEI** a pesquisar aqui em Santa Bárbara e descobri como que eles faziam antigamente. Eles faziam ou de papelão simples, ou faziam um rosto de barro. Depois eles colavam papel, jornal, papelão rasgado com grude e faziam uma máscara em cima desse rosto pra depois virar a máscara que eles iam usar no dia. Usavam o que tinha de material pra pintar a máscara e fazer uma coisa meio horrorosa.

**ELES SE** dividiam em grupos de amigos. O pessoal da rua de cemitério saía junto, o pessoal da Rua dos Passos saía junto, iam fazendo aquele arrastão na rua, batendo nas portas dos outros com o pau e gritando, fazendo bagunça. Chegava aqui no Caraíba, no fim da rua do cemitério, eles se reuniam pra brincar.

# ROTEIROS DE PASSEIOS LENDÁRIOS

*Em nas tropas, era o mesmo sofrimento de viagem das canoas. Alguns tropeiros morriam na estrada, outros iam para as festas e morriam nas festas. Foi por isso que gerou muita história de Mula sem Cabeça, de Lobisomem...*

De todas as lendas que você colheu pela vida, alguma delas aconteceram com você? Quais delas você gostaria de ver de perto? Valem também as narradas aqui.

Traíra fantástica

Córrego Remédio

Bicho da Carneira

Onde se deu o começo de tudo

Enchente e dois pés de fruta

# A TRAÍRA FANTÁSTICA

quem contou foi Mestre Ulisses Mendes

## MESTRE ULISSES MENDES

Artesão, poeta, compositor, dono de um legado artístico sem par. Ulisses é considerado um poeta do barro. Sua obra tem alcance internacional. É um dos grandes mestres nesse ofício reconhecido pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Itinga.

O maior mistério que tinha na região nossa do Frade; onde se gerou muito catireiro<sup>6</sup>, muito artesão; era a Traíra Encantada, o maior peixe que aparecia.

Tinha um arvoredo lá *Nuscampim*<sup>7</sup>, que chamava Acari. De tanto a enchente bater no arvoredo, o rio

cavacou as raízes e fez ali um berçário de peixe. Era um lugar muito bom de pescar traíra a tardezinha, que a traíra gosta de sair mais a tardezinha. E aí apareceu uma traíra grande, enorme de grande, anormal, 60 quilos por aí.

<sup>6</sup> Dançador ou participante da Catira, dança do folclore brasileiro, em que o ritmo musical é marcado pela batida dos pés e mãos dos dançarinos. Sua origem tem influências indígenas, africanas e europeias. A expressão tem suas raízes em Goiás, norte de Minas e interior de São Paulo.

<sup>7</sup> Comunidade rural itingense chamada Campinhos, no dialeto local sai “Nuscampim”, ou “Iscampim”. Fica 4 a 5 km distante da cidade, às margens do rio Jequitinhonha. Os moradores, a maioria descendente da família Mendes, de Mestre Ulisses, viviam basicamente da olaria. Hoje não têm acesso à argila, um novo proprietário comprou a fazenda onde fica o “barreiro”, em que tiravam a matéria prima e proibiu a retirada.

Quando eles estavam pescando abusadamente, a traíra aparecia. Mas era uma traíra bonita, aquela pele das escamas coloridas, e brincalhona. Ela começava a jogar a cauda pra lá, pra cá, brincava com aquela alegria. E todo mundo queria pescar essa traíra, eles falavam assim “a Traíra do Acari”, e ninguém conseguia pescar.

Tinha uns ferreiros lá que sabiam fazer uns anzóis. Esquentou a bigorna no fogo, no carvão, fez aquele anzol forte. Mas ela quebrou. Saiu com a vara puxando dentro d’água, tomava a vara da mão do pescador e saía. Eles falavam “Vai morrer embuchada lá, com anzol na boca”. Que nada! No outro dia, ela aparecia de novo.

Tinha um rezador lá que fazia aquelas orações doidas na espingarda e envenenava a espingarda. Ele rezou na chumbada, aquela reza mesmo tradicional... “E agora ela morre, que está benzida à espingarda”. Dava um tiro na cabeça da traíra quando ela aparecia, aí ela virava a barriga pra cima, fingia que estava morta. Eles levavam a mão por baixo assim, pra apanhar aquele peixão, e ela plum! Vinha de novo e saía. Saía com as

costas por cima da água mostrando o corpo dela todinho. Debochando que nada matava ela.

A presença dela era mais próxima quando ia acontecer alguma coisa anormal na comunidade. Quando ia ter uma briga pesada, uma desavença, uma morte, ela aparecia de uma forma diferente.

Lá tem uma pedra na frente do lajedo e o lajedo era um ponto de lavar roupa. O pessoal não tinha água encanada, as mulheradas todas de manhã e de tardezinha iam lavar roupa, lavar vasilha. Ali fazia aquela festa. Ali era um ponto de fofoca, uma lavadeira comunitária na margem do rio. Na frente tinha uma pedra empinada e quando era de tardinha, escurecendo, aparecia uma mulher. Mulher bonita, toda distraída, não olhava pra ninguém, só cuidando do cabelo, aquele olhado mais sereno.

E aí o pessoal: “A Mulher d’Água estava lá em cima da pedra. Não vai lá, não vai lá não!”. O pessoal começou a ter medo dela. Mas batendo certo, ela era a própria traíra. Ela virava traíra pra avisar pra pararem de pescar abusadamente e quando era



pra avisar que ia acontecer alguma coisa anormal na comunidade, ela aparecia sentada na pedra. Mulher com cabelo comprido. E ela aparecia às seis, seis e meia da tarde. Eles falavam que tinha aquelas luzes em volta dela. Era um tipo de santa mesmo.

A Sebastiana, Tiana, conta com toda a convicção. O dia que foi acontecer o acidente lá que mataram o marido dela, antes de acontecer três dias, ela desceu no rio de tardinha. Quando chegou lá, a mulher estava na pedra sentada. Chegava até aquele reflexo de luzes em volta dela. “A Mulher d’Água, não fiquei lá não! A Mulher d’Água está lá em cima da

pedra. Eu vim embora”. Ela saiu do rio. Quando ela chegou no terreiro de casa, a mulher estava no terreiro. Tiana entrou pra dentro de casa. Três dias depois aconteceu aquela confusão, mataram o marido dela. Briga de cachaçada.

Nas proximidades de 1980, a traíra sumiu. Segundo o pessoal, foi depois da inundação que o rio Jequitinhonha fez em 79 pra 80. A inundação mudou muito a água, arrancou o arvoredo de pé de Acari, aí a Traíra não apareceu mais. Alguém fez alguma coisa que ela quebrou o encanto. Não apareceu mais a Mulher d’Água.

## ÁGUAS [SUPOSTAMENTE] MEDICINAIS NO CÔRREGO REMÉDIO

*quem contou foi Roberto Nascimento*

Não se tem as datas exatas, mas deve ter sido por volta de 1950, um pouco mais, um pouco menos. Um homem morava na roça com a família e a mulher dele adoeceu. Eles moravam aqui pra cima, no sentido Alvinópolis, Caxambu... pra aquele lado. Ele veio pra cidade comprar remédio pra mulher. Naquele tempo o remédio era manipulado nas boticas.

Ele trouxe o dinheiro, mas como ficava na roça e vivia só na roça, custava vir à cidade, aproveitou o dinheiro pra fazer farra, bebeu, aquela coisa toda. Quando foi comprar o remédio, o farmacêutico não quis vender porque ele tinha gastado o dinheiro todo na farra.

Pra não voltar pra casa sem o dinheiro e sem o remédio, ele foi andando e quando ele chegou num lugarzinho, que dá mais ou menos um quilômetro e meio daqui da cidade, tinha um corguinho<sup>8</sup> que cortava a estrada de chão. Ele estava com uma garrafinha, que devia ter trazido pra pegar o remédio manipulado, e encheu com água do córrego<sup>9</sup>. Essa água era meio barrenta. Ele chegou pra mulher e falou pra mulher que era remédio, ela tinha que tomar com muita fé. Ela tomou com muita fé e sarou. Aí ficou o nome Córrego Remédio. Hoje é só um filete de água com asfalto passando do lado, mas o lugar é conhecido como Córrego Remédio até hoje.

<sup>8</sup> Regionalismo para o diminutivo de córrego

<sup>9</sup> Regionalismo para córrego



## QUARESMA, A MELHOR ÉPOCA PARA VER O BICHO DA CARNEIRA

*quem contou foi Will Nascimento*

Você espera o tempo de quaresma e fica numa esquina, no cruzamento. Qualquer animal preto que passar naquele momento ali, tem chance de ser ele já rondando.

Tem também um lugar muito específico que dizem que ele frequenta muito, a Avenida Joaquim Antunes de Oliveira, que as pessoas acham que leva o nome dele, mas é de um

sobrinho dele. Ali é o lugar onde ele foi enterrado e onde ele teria estado a carneira<sup>10</sup>. Então as pessoas relatam muita aparição na quaresma em forma dos animais pretos, no cruzamento e também nessa avenida. É tanto que a gente ficou 10, 20 anos evitando passar ali durante a quaresma.

<sup>10</sup> Carneira é o como o túmulo é chamado em diversas cidades do interior.

A história conta que o Bicho da Carneira, o lobisomem do Jequitinhonha, aparece em várias formas. Tem a forma que se assemelha muito ao lobisomem, mas também tem relatos de outras formas, como jumento, cachorro, porco.

Ele teria sido um coronel que cometeu uma série de atrocidades e a mãe teria jogado uma praga nele. Depois de sua morte, na missa de sétimo dia, seu túmulo teria estourado subindo dali um monstro. O que a gente chama de Bicho da Carneira aqui, as outras cidades chamam de Bicho da Pedra Azul ou Bicho da Fortaleza, que era o antigo nome de Pedra Azul.

O relato que eu acho mais emblemático é o que dizem que ele aparecia em uma forma humana. Em Pedra Azul, tem um bar que se chama Bar do Onze. O bar era o ponto de encontro da elite de Pedra Azul, dos coronéis, das famílias ricas. Hoje já é

mais popularizado, mas antigamente era como se fosse um reduto dessas pessoas. O povo conta que, volta e meia aparecia um rapaz vestido com um jaleco e com um chapéu e comia muita coisa, exageradamente até pra um ser humano. No final, ele saía e deixava essa despesa na conta de alguém da família dos Antunes, que é a família que deu início à lenda.

Eu costumo dizer que pra o Bicho da Carneira não ter existido, tem que ter tido um delírio coletivo muito grande. Os relatos das pessoas são muito semelhantes na forma de aparição, dos estragos que ele causava. Ele aparecia muito na forma de um animal caçador que comia bezerra, que comia leitão. Principalmente na época em que a população era maioria moradora da zona rural, tem muitos relatos de aparição.

## ENCHENTE E DOIS PÉS DE FRUTA

*quem contou foi Alba Dutra*

Dizem que Rio do Prado, que era a cidade mais próxima de Rubim, na época da grande enchente<sup>11</sup> avisou pelos Correios que tinha caído uma tromba d'água na cabeceira do rio, lá onde nasce, e que a enchente logo chegaria.

Comunicado feito, havia tempo das pessoas saírem. Mas a dona Maria não quis sair por causa das coisas dela, das criações, das galinhas. Ela já era uma senhora mais idosa.

Quando a água foi chegando, ela tinha um pé de laranjeira dentro de casa e diz que ela subiu nesse pé, mas a chuva arrancou a árvore com tudo. Consta que esse corpo nunca foi encontrado, e ela foi levada com o pé de laranja nas águas.

O Floriano que trabalhava com meu pai era filho dessa dona Maria.

Dizem também que num outro ponto da cidade, três homens estavam em um barzinho ali na Baixada, à beira rio jogando truco. Tem o nome deles, eram Nondas, Nilo e Mané Jacó. Eles viram a água chegando e os três subiram na mangueira pra se salvar. Essa chuva chegou à tarde e eles passaram a noite inteira até o dia seguinte lá em cima da mangueira. Ao que a água baixou, eles desceram. Os três se salvaram.

A mangueira foi inventariada e vai ser salvaguardada agora pelo patrimônio de Rubim.

<sup>11</sup> Acredita ser a enchente de 1979, mencionada em relatos também das cidades de Araçuaí e Itinga neste mesmo guia.



## ONDE SE DEU O COMEÇO DE TUDO

*quem contou foi José Claudionor Pinto (Jô Pinto)*

Luciana Teixeira, segundo os relatos de Saint-Hilaire, era uma mulata que morava no lugar onde antigamente chamava Barra do Pontal. Hoje é Itinga, onde o rio Jequitinhonha encontra com o Araçuaí. Lá, as terras eram sesmaria da família Murta e tinha terra de Montes Claros até aqui. A Luciana chega lá e começa a montar o negócio dela.

O negócio dela começou a dar dinheiro e ela passava o dízimo pra igreja, grana alta. Enquanto tava

entrando o dinheiro tava bom pra todo mundo. Ela viu depois que era um absurdo ter que pagar quantias tão altas. Ela resolve, então, parar de pagar e o padre Murta a expulsa. Luciana era canoeira e sabia ler e escrever, porque ela foi catequizada. Imagina essa mulher, naquela época, ela incomodava a sociedade.

Ela saiu de Itinga e veio pra Barra do rio Araçuaí, era a Barra do Caiuzinho<sup>12</sup>. Chegou aqui, ela começa a montar o prostíbulo e os canoieiros

<sup>12</sup> Regionalismo. Diminutivo de Caiau



vinham atrás. Depois, a demanda pelos serviços das canoas começou a acabar e os canoeiros foram ficando, construindo morada, a Vila do Caiá<sup>13</sup> surgiu e a Luciana ficou como esse símbolo da fundadora de Araçuaí. Ela colocou o nome de Calhau, por contas das pedras de aluvião que tem o ouro por cima e não tem valor nenhum. E foi onde ela ficou com as meninas.

A sociedade na época expulsou todas elas. Uma delas foi a Branca.

A Branca era famosa porque não atendia de dia, só atendia à noite. Ela ficava em cima de uma pedra pescando todo dia o dia todo, lá na beira do rio. É por isso do Porto da Branca, oficialmente nomeado José Gusmão, mas se você perguntar onde é o porto do José Gusmão ninguém sabe. “Onde é o porto da Branca?”, aí todo mundo vai saber que é a descida, onde é a ponte. Ela era uma das líderes das mulheres de lá e ela que levou as meninas junto de canoa.

<sup>13</sup> Regionalismo para calhau

# QUE CARA TEM ESSE LUGAR

*Fotoperformance dos entrevistados*







*Wender (Dorado) do Santos | aluno do projeto em Barão de Cocais*



*Micaely (Mica) Fernandes | aluna do projeto em Barão de Cocais*



*Mirlane (Pê) | educadora de Araçuaí*



Sofia | educadora de Santa Bárbara



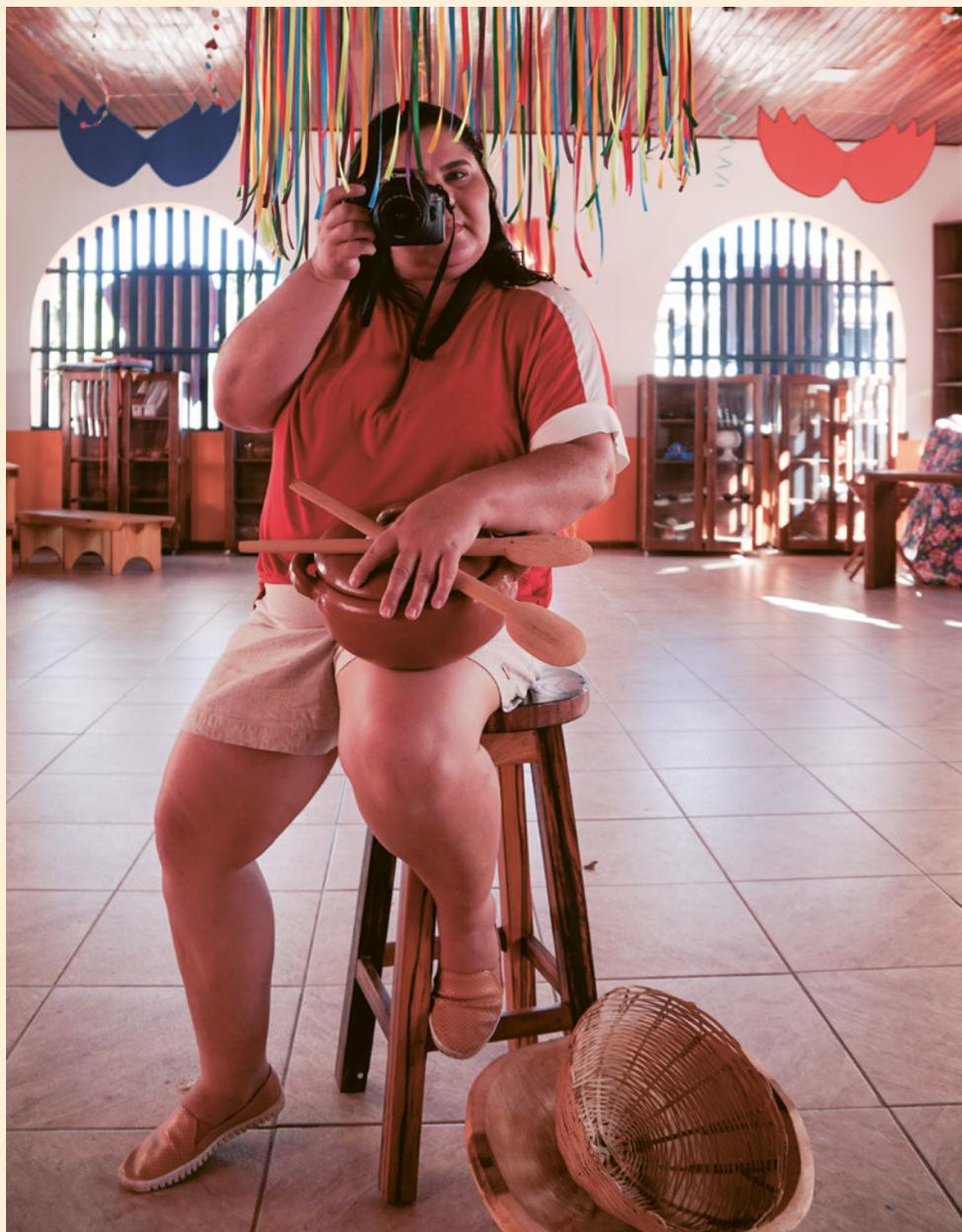
Carlos | aluno do projeto em Rubim



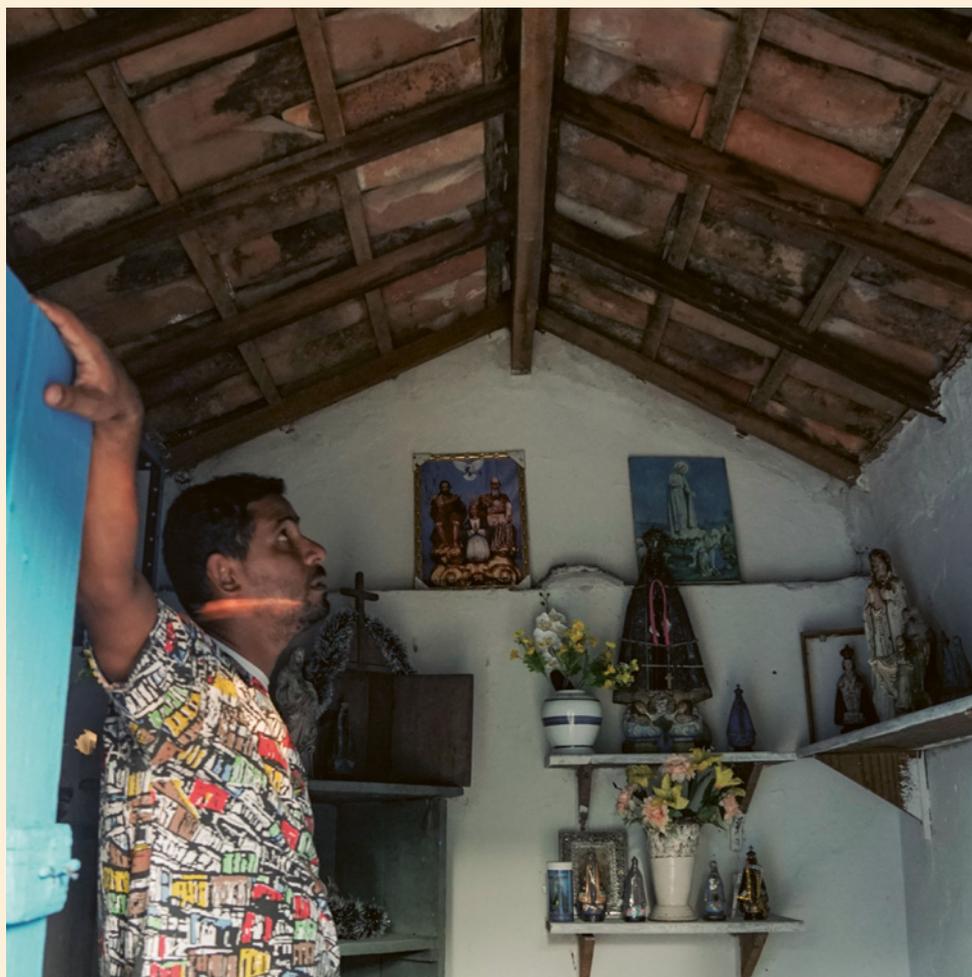
*José Claudionor Pinto (Jô Pinto) | historiador de Itinga*



*Genilson | aluno do projeto em Itinga*



*Christiane Cardoso Teixeira | educadora de Itinga*



*Willian (Will) Nascimento | educador de Pedra Azul*



*Gislene | aluna do projeto em Catas Altas*



*Bianca | aluna do projeto em Pedra Azul*



*Emanuelle | aluna do projeto em Rio Piracicaba*



*Ana Laura | aluna do projeto em Rio Piracicaba*





*Gabi Matos, Natalie Matos e Denise dos Santos | educadoras da Renca - BH*



*Mestre Ulisses Mendes | Artesão de Itinga*

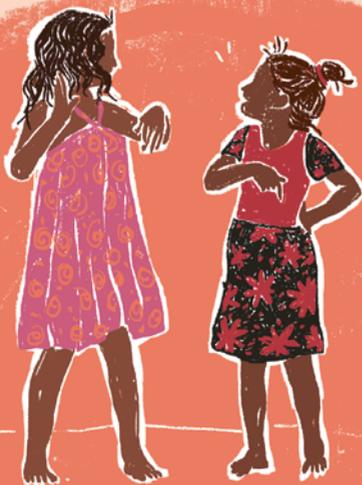


Rede de Patrimônio Criativo e Colaborativo é um projeto que tem o objetivo de fomentar o conhecimento e interesse de adolescentes e jovens pelas manifestações culturais de oito cidades do interior de Minas Gerais: Araçuaí, Itinga, Pedra Azul e Rubim, no Vale do Jequitinhonha, Barão de Cocais, Catas Altas, Rio Piracicaba e Santa Bárbara nas proximidades da Serra do Caraça. As ações do projeto contribuem com o mapeamento, o registro da memória e com a valorização e difusão do patrimônio cultural desses lugares, por meio da realização de formações gratuitas e certificadas em audiovisual, fotografia/artes gráficas e rádio/podcast para as juventudes dessas cidades.

O projeto é realizado pela AIC- Agência de Iniciativas Cidadãs através da Lei Federal de Incentivo à Cultura, Pronac 204832, Ministério da Cultura e Governo Federal, União e Reconstrução, com patrocínio do Instituto Cultural Vale por meio de sua chamada aberta anual e apoio das Prefeitura locais.







Ministério da Cultura e Instituto Cultural Vale apresentam: Rede de Patrimônio Criativo e Colaborativo

Patrocínio:

Realização:



REDE DE  
PATRIMÔNIO CRIATIVO  
E COLABORATIVO

MINISTÉRIO DA  
CULTURA

